

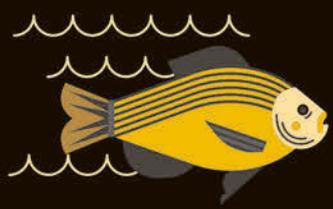
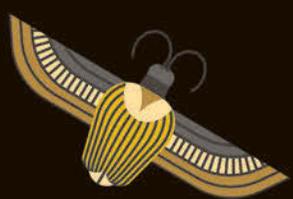


MARK
DANIELS



DEUSES, HERÓIS & MONSTROS

Mitos e Lendas
de Todo o Mundo



v o g a i s

ÍNDICE

Introdução	7
1. O Princípio e o Fim do Mundo	11
Nórdico Ragnarök	13
Maia <i>Popol Vuh</i>	19
Aborígene Australiano O Tempo do Sonho	26
2. Morte	31
Romano Orfeu e Eurídice	33
Japonês Izanami em Yomi	39
Egípcio Osíris.	44
3. Deuses e Deusas	49
Ioruba Eshu	51
Indiano Rama e Sita.	54
4. Heróis e Heroínas	63
Grego e Romano Hércules	64
Chinês Mulan	76
5. Trapaceiros e Metamorfos	81
Chinês O Rei Macaco	82
Ganês e Caribenho Anansi.	88

6. Natureza	99
Maori Maui	100
Grego Perséfone e Hades	104
7. Amor	111
Romano Píramo e Tisbe.	112
Romano Eneias e Dido.	118
8. Guerra.	127
Romano O Cavalo de Troia	129
Indiano O <i>Bhagavad Gita</i>	138
9. Monstros e Espíritos	145
Grego e Romano Medusa	146
Anglo-Saxónico Grendel	152
10. Viagens Épicas	161
Mesopotâmico Gilgamesh e o Grande Dilúvio.	163
Aborígene Australiano Cantos Nómadas	169
Grego <i>A Odisseia</i>	172
Epílogo: A História Continua.	181
Agradecimentos	183
Índice Remissivo	185

Introdução

A história é uma das ferramentas fundamentais inventadas pela mente do ser humano, com o objetivo de obter uma compreensão. Houve grandes sociedades que não usaram a roda, mas não houve sociedades que não contassem histórias.

URSULA LE GUIN

Os seus antepassados longínquos estão sentados à volta da fogueira.

Têm muitas perguntas por responder.

À noite, as estrelas espalham mapas sem limites pelos céus, e a Lua muda a sua forma ao atravessar a escuridão. E eles perguntam: *O que é aquilo?* Todos os dias, veem o brilho do Sol ardente subir alto no céu e descer lentamente para lá do horizonte, e perguntam: *Para onde vai?* As estações mudam. Eles resistem a catástrofes naturais. Experimentam o amor, a dor, o nascimento, a morte, a guerra, a fome e a frustração. Um número infinito de perguntas impenetráveis desperta a sua curiosidade e estimula a sua imaginação.

Quem somos e de onde viemos?

O que acontece quando morremos?

Em todo o mundo e ao longo das gerações, milhares de fogueiras tremeluzem na escuridão. Ao reunirem-se à volta do conforto das brasas, os seus antepassados começam a partilhar histórias. Compõem contos fantásticos para explicar o mundo, o céu, o mar e a vida que veem à sua volta. Contos de criaturas mágicas, bestas imponentes, deuses que nos guiam e divindades que buscam vingança. Tecem lendas de heróis e heroínas, do submundo e dos céus.

Tudo de forma a criar uma narrativa para o inexplicável.

Ao longo de milhares de anos, os mitos são transmitidos de uma pessoa a outra e à seguinte, em todas as civilizações do mundo, muitos deles bem antes de a arte da escrita ter sido inventada. Esses mesmos mitos continuam a ser partilhados hoje em dia. Continuam a inspirar costumes, livros de histórias e filmes. Dos ancestrais diretamente para o grande ecrã.

Neste livro, dou continuidade à tradição dos nossos antepassados e conto as lendas que eles imaginaram inicialmente. Siga a sua própria viagem épica, dos mitos familiares dos gregos, romanos e egípcios, aos contos encantadores das Américas nativas, das Primeiras Nações da Austrália, da África Ocidental, da China, do Japão e mais além.

Para alguns mitos, como os dos antigos gregos, romanos, indianos e babilónios, repito as histórias diretamente traduzidas de textos originais com milhares de anos. Essas histórias, que foram gravadas em pedra há vários milénios, são reproduzidas diretamente nestas páginas. Noutras civilizações, como as da África Ocidental, da Austrália aborígene e da América nativa, os seus mitos não foram registados por escrito durante dezenas de gerações ou foram finalmente passados para o papel por colonizadores ocidentais, que transpuseram as suas próprias

crenças para as lendas que lhes eram contadas. Algumas mitologias foram, deliberada e sistematicamente, oprimidas, banidas e até destruídas. Nestes casos, continuo a tradição oral dos antepassados da humanidade de passar histórias de uma pessoa a outra, e narro uma versão tecida a partir da diversificada tapeçaria do folclore.

Ouvirá contos de todo o mundo e de toda a História da humanidade, classificados de acordo com as grandes questões a que essas histórias procuraram responder. Ouvirá as semelhanças e os contrastes entre os mitos de diferentes civilizações sobre a primeira manhã do mundo. Ouvirá as lendas sobre o que acontecerá no fim do mundo, sobre a vida após a morte, sobre o amor e a guerra, sobre estrelas e tempestades, sobre heroínas e deuses.

Por isso, tome o seu lugar em frente à fogueira que arde desde que o primeiro mito dos seus antepassados foi contado, e ouça as suas histórias. Faça parte da cadeia contínua de contadores e ouvintes de histórias que se estende simultaneamente para trás e para a frente no tempo, até onde a humanidade pode chegar.



Capítulo 1

O Princípio e o Fim do Mundo

Talvez uma das primeiras questões a que os nossos antepassados por todo o mundo procuraram responder tenha sido uma dúvida existencial: *De onde viemos?*

É uma curiosidade que deu origem a inúmeros mitos e inspirou religiões em todo o mundo. As lendas sobre o que terá acontecido na primeira aurora da Terra são tão diversas e numerosas como as civilizações e comunidades que as conceberam. Desde o molusco e o solo originadores de vida do povo ioruba na África Ocidental, à Serpente Arco-Íris de muitas das Primeiras Nações da Austrália, ao debate entre os deuses das colheitas e do gado que os antigos mesopotâmicos repetiram, não há duas histórias exatamente iguais.

No entanto, o notável é o facto de existirem, apesar de tudo, muitas correlações entre os mitos da origem contados por diferentes civilizações, separadas por oceanos e vários milhares de anos. Não é concebível que as suas lendas possam ter-se influenciado mutuamente e, não obstante, existem semelhanças milagrosas entre o que diferentes sociedades contam sobre o início dos tempos.

Os paralelos podem ser ouvidos na ordem em que o mundo veio a existir. No início, não havia nada. O mundo era um vazio escuro e caótico, desprovido de vida. O céu e a terra separaram-se, e a primeira luz brilhou entre eles. A partir daí, a terra estéril encheu-se de rios, lagos e vastos oceanos que, por sua vez, trouxeram erva, árvores e frutos. Depois, vieram os animais e as bestas. Por fim, a humanidade ganhou vida.

Os pormenores exatos variam de civilização para civilização, mas a mesma sequência geral de acontecimentos pode ser ouvida nos mitos da criação dos antigos egípcios em 3000 a.C., dos antigos gregos em 1800 a.C., do livro judaico e cristão do Génesis desde cerca de 500 a.C., dos incas do Peru em 1200, do povo maori da Nova Zelândia também em 1200, do povo sioux da América nativa por volta de 1300, e de muitos outros.

Muitos sistemas de crenças falam do início dos tempos a partir do nada, do qual a terra e o céu são alguns dos primeiros elementos básicos a aparecer. Depois disso, surge frequentemente a criação da água, da vegetação e dos animais, bem como de divindades que representam fundamentos específicos importantes para cada civilização. Mitologias sem qualquer ligação entre si têm um Pai Céu e uma Mãe Terra, um Sol masculino e uma Lua feminina, um deus do caos e outro da ordem. Um deus é responsável pela criação da humanidade, muitas vezes moldada a partir de barro ou lama, e dá-nos roupas, a capacidade de criar fogo e ensina-nos leis, moral e mandamentos. Os maias, os gregos, os babilónios, os cristãos e outros falam de uma segunda oportunidade de criar a humanidade quando a primeira geração transgrediu essas regras sociais, recorrendo muitas vezes a um grande dilúvio para se livrarem dos sem lei.

Suponho que, quando qualquer um de nós se tornou filósofo e desnudou o mundo, peça por peça, para compreender o que existia no início de tudo, acabámos por ficar apenas com a Terra e a enorme abóbada do céu por cima dela — de onde todas as outras coisas têm de vir.

Da mesma forma, existe um ponto comum entre as mitologias divergentes sobre a escatologia — um termo para o fim dos tempos. Se o universo surgiu do nada, a humanidade tem teorizado que ele deve voltar ao nada. Infelizmente para todos nós, o fim do mundo tende a ser um acontecimento muito mais violento e aterrador do que o seu nascimento. A antiga história indiana do *Bhagavad Gita* (ver Capítulo 8), as religiões abraâmicas do judaísmo, cristianismo e islamismo e o conceito nórdico de Ragnarök (ver em seguida) estão entre os sistemas de crenças que preveem um apocalipse destrutivo, após o qual será feito o julgamento final da humanidade. Ao mergulharmos em algumas destas histórias, delicie-se com a sua variedade e surpreenda-se com as suas semelhanças.

RAGNARÖK

NÓRDICO

A mitologia nórdica é originária da Escandinávia e da Islândia, no norte da Europa, e é possível que conheça mais dos seus deuses do que pensa. As suas lendas foram transmitidas de geração em geração durante muitas centenas de anos, antes de serem registadas por escrito a partir do século XIII. Desde o século VIII, com as invasões *vikings*, que os nórdicos se têm vindo a tornar muito conhecidos por toda a Europa do Norte e pela Rússia ocidental, pelo que a sua mitologia se espalhou

para além das suas próprias fronteiras. A religião nórdica tinha um complexo e excêntrico elenco de deuses e espíritos, tão rico como o dos gregos e romanos. Os deuses dedicavam-se, de forma semelhante, a muitos aspetos importantes da vida e, de facto, existem muitas divindades aparentadas entre a civilização clássica e a civilização nórdica.

Enquanto pai dos deuses, Odin senta-se no seu trono em Asgard com dois corvos e dois lobos, que atuam como protetores e mensageiros. É o deus da guerra, bem como da sabedoria e da poesia, e tem fortes ligações com os mortos e os caídos em batalha. O universo está ancorado num antigo freixo conhecido como Yggdrasil, com as suas raízes nos reinos inferiores do Submundo e os seus ramos a alcançarem os céus nos reinos superiores. Midgard, ou Terra Média, é o reino dos humanos.

O mito nórdico da criação anda de mãos dadas com o seu conceito de Ragnarök — a destruição derradeira do mundo, em que o fogo, os monstros e a guerra obliteram o universo. O apocalipse é provocado pela natureza desordenada da humanidade e pela guerra entre os deuses. No entanto, esta aniquilação depressa se revela um novo começo: o mundo renasce, fresco, pacífico e sem pecado. A história que ouvirá neste capítulo é retirada do poema do século XIII conhecido como *Völuspá* ou *A Profecia da Vidente*, um dos vários poemas mitológicos de uma coleção islandesa de autoria desconhecida.

Uma das influências mais notáveis da mitologia nórdica encontra-se nos nomes ingleses para os dias da semana. A segunda-feira e o domingo receberam, respetivamente, o nome da Lua e do Sol, enquanto os dias de terça-feira a sexta-feira foram dedicados a um deus nórdico diferente.

De facto, foram os romanos os primeiros a dar aos dias da semana o nome do Sol, da Lua e de cinco divindades: Marte, Mercúrio, Júpiter, Vénus e Saturno. Ainda se ouvem os vestígios desses nomes romanos nos dias da semana espanhóis e franceses. Os nórdicos, no entanto, pegaram nesses nomes romanos para cada dia e simplesmente colocaram o seu deus correspondente em cada um deles. O dia que tinha o nome do deus romano da guerra, Marte, mudou o nome para o deus nórdico da guerra Tyr. São as versões nórdicas que parecem ter-se mantido nas línguas germânicas, incluindo o inglês.

DIA	INGLÊS	NÓRDICO ANTIGO	DEDICADO A
Segunda-feira	Monday	Mánadagr	Lua
Terça-feira	Tuesday	Týsdagr	Tyr, deus da justiça e da guerra
Quarta-feira	Wednesday	Óðinsdagr	Odin, deus da guerra, da sabedoria e da poesia
Quinta-feira	Thursday	Þórsdagr	Thor, deus da proteção e do trovão
Sexta-feira	Friday	Frjádagr	Freyja, deusa do amor
Sábado	Saturday	Laugardagr	Saturno, deus das colheitas
Domingo	Sunday	Sunnudagr	Sol



NO PRINCÍPIO, NÃO HÁ NADA

No princípio dos tempos, vive o ancestral Ymir, pai de todos os deuses e espíritos. Não há terra nem solo, não há céus acima nem ondas salgadas abaixo, e não há vegetação verde. Neste vasto vazio, Odin e os seus irmãos erguem a Terra Média, o reino humano, e o sol brilha intensamente sobre a terra seca do sul. Prados, árvores e vegetação enchem a terra fértil.

Os nove reinos do universo assentam sobre a poderosa árvore Yggdrasil. Os reinos dos deuses e dos céus acima, a Terra Média para os humanos, e os Submundos abaixo. Nos seus ramos altos recolhe o orvalho que sustenta a vida em baixo. Nessa primeira margem da Terra Média, os deuses encontram o primeiro homem e a primeira mulher: Ask e Embla. Não têm sopro, nem alma, nem cabelo, nem voz, nem cor no rosto. O seu destino parece condenado até que três deuses se juntam para criar a vida: Odin dá-lhes o sopro da vida, Høinir dá-lhes movimento e Loki dá-lhes cabelo e uma tez saudável.

UMA TERRÍVEL PROFECIA

Todos os deuses se reúnem nos céus, enquanto uma hábil vidente do futuro se dirige ao rei dos céus, Odin. «Prevejo um grande salão, longe do sol», diz ela ao poderoso deus. «É o lar sombrio da filha de Loki, Hel, a soberana dos mortos. Veneno escorre pelas suas paredes e chaminés, enquanto serpentes espessas se enrolam à volta das suas paredes.

» Navegando por correntes rápidas, vejo homens perigosos, assassinos e adúlteros. Lá, um dragão suga o sangue dos

mortos e o monstruoso lobo Fenrir despedaça-lhes os corpos. Atreves-te a ouvir mais?»

Odin acena solenemente com a cabeça e a vidente continua a sua profecia sinistra. «Com o lobo Fenrir a alimentar-se da carne dos mortos, a casa dos deuses fica vermelha de um horrível sangue. Depois disso, o Sol escurece mesmo no verão e começam a surgir tempestades poderosas. Os irmãos lutam entre si até um fim sangrento e os primos traem os seus laços familiares quando erguem as espadas uns contra os outros. O mundo torna-se um lugar terrível, infestado de sedução e adultério, e toda a ordem social cai por terra. Os machados chocam e as espadas relampejam, e ninguém poupa o seu vizinho.»

O FIM DOS TEMPOS

«Enquanto os espíritos dançam, o guardião dos deuses levanta a sua trompa sonora e o som reverbera por todo o mundo.» A vidente olha Odin diretamente nos olhos enquanto fala. «Toda a gente no reino dos mortos de Hel treme de medo quando a antiga árvore Yggdrasil — a própria fundação do universo — geme nas suas raízes no Submundo, e estremece nas suas folhas farfalhantes nos céus. E Odin, vejo-te desesperado com a possibilidade de as mandíbulas ensanguentadas de Fenrir te apanharem a seguir.»

A vidente continua:

«O que acontecerá aos deuses? O que será dos elfos e dos anões? Garm, o cão de guarda sanguíneo dos portões de Hel, uiva terrivelmente e liberta-se das suas correntes. E agora vejo o terrível destino dos deuses. De leste, és atacado pelo mortífero

Hrym, que ergue o seu escudo diante de si. Uma serpente gigante agita o mar espumoso enquanto gira sobre as ondas, e uma águia grita e arranca tiras dos corpos dos homens. Do norte, Loki dirige um barco através das ferozes correntes oceânicas; atrás dele segue o lobo selvagem Fenrir e um exército de terríveis monstros dos gigantes.

» Do sul, vem o deus do fogo Surt, com a sua espada a brilhar como o Sol. Montanhas caem, inúmeros homens ficam destinados ao reino de Hel, e os céus dividem-se em dois. E agora vejo-te, Odin, a avançar para lutar com o feroz lobo Fenrir; e a avançar para lutar com Surt está o deus dos elfos, Freyr. Aqui, encontras o teu trágico fim, Odin. O teu querido filho voa em frente para vingar a tua morte e crava a sua espada no coração do lobo.»

UM NOVO COMEÇO

A profecia da vidente prossegue, agora com ela a dirigir-se a todos os deuses: «O Sol torna-se negro no céu, a terra afunda-se no mar e as estrelas cintilantes caem da noite eterna. As chamas envolvem o mundo inteiro e o fogo chega aos próprios céus. O uivo do cão de guarda de Hel sela o teu destino. Mas agora vejo algo de novo.»

A vidente faz uma pausa e fecha os olhos.

«A terra é nova outra vez. Ergue-se do mar, num verde brilhante e luxuriante. As cascatas caem da terra e as águias caçam peixes nos rios altos. Vocês, deuses, voltam a encontrar-se — consigo ver isso agora. Reúnem-se e falam sobre o passado poderoso, recordando as antigas pedras rúnicas do grande Odin. Nos prados verdejantes, voltarão a encontrar-se.

» Onde não há vida, brotam novas colheitas. Odin, o teu filho regressa da morte para se sentar no teu salão. Vejo agora esse salão, mais brilhante do que o Sol, coberto de ouro, e é aí que todos os deuses viverão eternamente em paz. O dragão feroz que suga o sangue dos cadáveres despidos voa agora sobre ti e desaparece de vista para sempre.»

POPOL VUH MAIA

Os k'iche' são um dos povos maias que habitaram originalmente em áreas da América Central conhecidas agora como Guatemala, México, Belize e El Salvador. A sua cultura floresceu particularmente no período entre cerca o ano 950 e a prolongada invasão e colonização espanhola no início do século XVI, altura em que a sua história, língua, religião e mitos foram sistematicamente suprimidos e banidos. As suas próprias histórias escritas foram queimadas. Neste livro, ouvirá falar de muitas culturas e povos deslocados, para os quais os seus mitos e lendas continuaram a ser a única ligação ao seu passado. Povos para quem recontar as histórias que os avós lhes tinham transmitido se tornou uma das escassas formas de manter viva uma identidade cultural. E assim foi com os maias.

Popol Vuh é o *Livro da Comunidade* do povo k'iche', e a versão que existe atualmente foi escrita por um padre espanhol em 1701, a partir de relatos orais dos maias que conheceu. São estas transliterações que inspiram a história da criação neste capítulo. Os textos maias originais, com ilustrações e uma sofisticada escrita hieroglífica, já não existem. Com o desmantelamento da cultura maia, o relato escrito de 1701 é tanto um

registro histórico como um conto mitológico. O resultado deste mito da criação é que os deuses parecem produzir apenas seres humanos do sexo masculino como antepassados de toda a humanidade. Tal como acontece com muitos contos antigos, assume um ponto de vista centrado nos homens, mas manteve-me o mais próximo possível da tradução original.

Esta é a história do lugar do povo k'iche' no universo, rico em divindades ancestrais que transmitiram as lições, a moral e a religião à sua comunidade. É um lugar no universo que quase lhes foi retirado. E, no entanto, ao longo dos séculos e das gerações do povo K'iche', as suas histórias sobreviveram e as vozes dos seus antepassados voltaram a ganhar vida.



NO PRINCÍPIO, NÃO HÁ NADA

Tudo está em silêncio. O arco sem limites do céu sussurra para o vazio. Ainda não há uma única pessoa, animal, ave, peixe, crustáceo, árvore, rocha, vale, prado ou floresta. O amplo mar repousa sozinho sob o vasto vazio dos céus. Tudo o que poderia existir simplesmente não existe. Não há terra, apenas a água tranquila murmura sozinha na escuridão eterna.

E então emana uma luz brilhante. O Criador, o Modelador, o Portador e o Causador estão lá na água com a Serpente Emplumada Soberana, todos vestidos com penas turquesa; esses grandes sábios ancestrais, com todo o nosso conhecimento. Com a sua presença, o céu forma-se agora claramente, e o grande Coração do Céu, o deus do raio conhecido como Huracán, emerge para a existência.

UM ACORDO PARA CRIAR O MUNDO

O Coração do Céu é o primeiro a proferir uma palavra. Ele fala com a Serpente e com os primeiros deuses da criação, enquanto deliberam a primeira aurora para marcar a gênese do mundo. Naquela luz ténue, discutem como nascerá a humanidade, como criarão as árvores e a vegetação e, depois, o modo como todos os seres vivos serão criados pelo Coração do Céu. Os deuses concordam: «Vamos tirar a água e nivelar o solo plano da terra. Que o céu e a terra sejam separados.»

Ao proferirem estas palavras, o mundo começa a formar-se, com a terra, o mar e o céu a surgirem separadamente. Depois, os deuses pedem que as montanhas se ergam das profundezas do oceano e que os rios e os vales desçam pelas suas encostas. O Coração da Terra estende agora os desfiladeiros e os rios por toda a sua extensão e, por invocações divinas dos deuses, florestas de pinheiros e ciprestes erguem-se agora do solo rico para cobrir toda a terra.

A CRIAÇÃO DOS ANIMAIS

Então, os deuses enchem a terra de animais. As montanhas e as florestas são preenchidas com o veado, as aves, o puma, o jaguar, a serpente, a cascavel e a víbora. A Avó e o Avô divinos de todos os seres, Xmucane e Xpiyacoc, dão a cada animal o lugar que lhe cabe para viver em harmonia com os outros: «Vocês, veados, dormirão ao longo dos rios caudalosos e nos vales profundos. Aí, poderão saltar pelos prados e nos pomares, e criarão a vossa prole nas florestas.»

As aves recebem o espaço que lhes é devido: «Vocês, aves, habitarão as copas das árvores e os arbustos. Tereis espaço para se multiplicarem e criarão a vossa prole entre todos os ramos das árvores.»

Porém, algo não está certo. Os deuses não têm uma adoração nem uma reverência pela sua criação do mundo. «Falem!», exigem eles aos animais do mundo. «Falem uns com os outros! Falem, cada um de vocês, com os da vossa própria espécie. Deixem de grasnar e de guinchar — falem em voz alta. Venerem-nos e respeitem-nos! Nós somos a vossa Avó e o vosso Avô e, juntamente com o Coração do Céu, o Coração da Terra, a Serpente Emplumada Soberana e os outros, fizemos tudo isto para vocês. Venerem-nos!»

Mas os deuses apenas se deparam com uma cacofonia de balidos e pios. Cada animal grita à sua maneira e nada é reconhecível. Os deuses criadores estão fartos. «Nem sequer conseguem pronunciar os nossos nomes divinos», dizem às criaturas ignorantes. «Vamos ter de vos substituir por algo que nos venere e à nossa criação. Por isso, vocês, animais, vão ter de criar os vossos *habitat* nas florestas e nos vales. Vamos criar outro tipo de seres que nos possa venerar devidamente, e vocês terão simplesmente de ser a carne que os sustenta.» É por isso que apenas os seres humanos têm a capacidade de falar.

FAZER O HOMEM DE LAMA

Os deuses reúnem-se uma vez mais. «É evidente que a primeira tentativa não foi suficientemente boa», concordam eles. «Se queremos ser recordados na Terra, precisamos de um ser que possa falar e que nos possa adorar e honrar.» Os deuses formam

o primeiro homem a partir da lama. Ele fala, mas não é muito inteligente. A lama ou é demasiado dura para ele se mexer e virar a cabeça, ou torna-se viscosa e dissolve-se com a chuva.

O Criador e o Modelador conversam: «Estamos a fazer isto mal outra vez. Se a lama endurecer, estas pessoas não se poderão mexer e não se poderão multiplicar. Vamos pedir à Avó e ao Avô divinos uma versão melhor.»

FAZER AS FIGURAS EM MADEIRA

O Coração do Céu dirige-se aos deuses: «Precisamos de algo que fale e se multiplique. Somos sustentados pelas suas palavras, pelo seu culto e pela sua reverência. Essa é a única forma de sermos recordados na Terra. Apelo a vocês, criadores e modeladores, moldadores e carpinteiros, antepassados de todas as criaturas: passem as vossas mãos sobre o milho e sobre a coraleira e usem a vossa mestria para esculpir a boca e o rosto dos humanos que nos sustentarão e atenderão às nossas necessidades.»

A Avó e o Avô divinos, Xmucane e Xpiyacoc, concordam com todos os criadores que estas figuras de madeira devem ser criadas. E, de início, são uma criação bem-sucedida. Parecem-se com pessoas, falam bem e, em pouco tempo, a população espalha-se por toda a terra. Multiplicam-se com filhos e filhas e as novas gerações continuam a prosperar. Porém, mesmo assim, há algo que não está bem. Este grupo consegue falar, mas esqueceu-se dos deuses que o criaram. Rastejam sobre as mãos e os joelhos e não se lembram do Coração do Céu ou da grande Serpente que ajudaram a formar o mundo. Eles são apenas uma tentativa de criar humanidade, em vez

de serem a coisa real: sem carne na sua constituição, sem sangue a correr nas suas veias. Uma vez mais, os deuses apercebem-se dos seus erros.

UMA GRANDE INUNDAÇÃO

O Coração do Céu faz chover um terrível dilúvio dos céus. O Homem, esculpido em coraleira, é reduzido a nada, e a Mulher, feita de junco, é esmagada. Os deuses ancestrais arrancam os olhos desta população profana, que nem sequer reconhece o seu próprio criador. Cortam-lhes as cabeças, esmagam-lhes os ossos e os tendões, e o Jaguar Agachado come os seus restos.

A terra mergulha na escuridão e cai uma chuva negra. Os animais selvagens descem sobre as aldeias do povo de madeira. As criaturas que os povos de madeira consumiam, juntamente com os cães que se recusavam a alimentar, entram nas suas casas. As poucas pessoas que restam tentam fugir. Trepam às árvores, mas a vegetação recusa-se a sustentá-las; sobem aos telhados das suas casas, mas as pedras desfazem-se por debaixo delas e esmagam os seus antigos habitantes. A terra e os próprios bens das pessoas de madeira voltam-se contra elas. Aliás, quanto mais possuem, mais há para esmagar as suas bocas ingratas e os seus rostos infieis.

Não se tratava de um ser humano, mas de uma pobre tentativa de o criar. Diz-se que o macaco-aranha é o descendente desta imitação do homem. Parecem semelhantes aos humanos, mas não se lembram dos deuses que os criaram, nem têm qualquer capacidade de adorar ou venerar o Coração do Céu.

DESDE O INÍCIO DA HUMANIDADE, RECORREMOS AOS MITOS E LENDAS PARA DAR SENTIDO AO MUNDO

Histórias imaginativas de deusas, heróis, vilões e monstros trouxeram-nos compreensão e deram-nos conforto perante algumas das maiores questões sobre o nosso lugar no universo.

Neste livro, Mark Daniels apresenta um conjunto vívido de mitos de todo o mundo, recontando histórias antigas que foram passadas de geração em geração.

Descubra **contos de amor, morte, monstros e espíritos**, com **vingança e guerra** à mistura. Leia as narrativas de homens e mulheres, de Mulan a Hércules, que se destacaram e superaram os desafios que ameaçavam as suas vidas.

Numa viagem desde as Primeiras Nações da Austrália ao Egito, da China à África Ocidental, da Grécia ao Japão, da Polinésia à Escandinávia (e muito mais!), e com personagens inesquecíveis, este livro é uma viagem épica ao fascinante mundo da mitologia.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-708-3



9

789895 837083